

educação

ENSINO DAS LÍNGUAS — DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DOS MÉTODOS À PRÁTICA

Raul Leal Gaião*

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras é um saber em constante definição. O seu domínio, métodos e terminologia encontram-se em redefinição constante, principalmente na segunda metade do século **XX**. Nela confluíram ou confluem muitas disciplinas: durante muito tempo a gramática, a retórica, a pedagogia; neste século a linguística e a psicologia; mais recentemente a sociologia, a etnologia e as diversas tecnologias.

A eficácia dos procedimentos didáticos é de difícil avaliação e mais difícil se torna a avaliação da eficácia de uma metodologia exclusiva. Com a sucessão das propostas metodológicas, a didáctica pretende ter atingido nos meados deste século a «era científica», ultrapassando uma fase dita «pré-histórica», à qual faltaria uma base que lhe conferisse um carácter rigoroso. A designada «era científica» da didáctica procura uma fundamentação do ensino das línguas assente numa concepção da aprendizagem e numa concepção científica da língua, elaborando perspectivas metodológicas que devem ser tomadas mais como propostas do que modelos definitivos, que sucessivamente têm sido criticadas, pela sua eficácia, ou pela sua insuficiência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DOS MÉTODOS DE ENSINO DAS LÍNGUAS — ORIENTAÇÕES GERAIS

Perante a multiplicidade de métodos propostas, podem distinguir-se três grandes orientações teóricas (Germain (1993)):

- Uma *orientação integrada* que abrange os métodos ou abordagens que se apoiam tanto na natureza da língua como numa concepção de aprendizagem. Incluem-se nesta orientação os métodos áudio-oral e audiovisual.

* Assistente no Instituto de Estudos Portugueses, da Universidade de Macau.

- Uma *orientação predominantemente linguístico-pragmática* que abarca os métodos ou abordagens fundados preferencialmente numa concepção articulada da língua, mais do que na aprendizagem. Fazem parte desta orientação o métodos situacional e a abordagem comunicativa.
- Uma outra *orientação de carácter psicológico* e que abarca os métodos ou abordagens fundados na concepção ou teoria psicológica da aprendizagem. Destes métodos uns interessam-se particularmente pelas condições de aprendizagem (como o método comunitário de Curran e o método pelo silêncio de Gattegno), enquanto outros se centram no processo e condições de aprendizagem (estando incluídos neste caso a abordagem natural de Krashen-Terrell, o método pelo movimento de Asher, o método da sugestopedia de Lozanov e a abordagem centrada na compreensão).

Pode, assim, propor-se o seguinte quadro, que marca as relações entre as concepções psicológicas e os métodos/abordagens mais recentes (Germain (1993)):

Concepção psicológica	Métodos/abordagem
Behaviorista	Audio-oral situacional
Gestaltista	Audiovisual (global-estrutural)
Cognitiva	Comunicativo Da compreensão
Do monitor	Natural
Neurofuncional	Método pelo movimento
Do desenvolvimento	Método pelo silêncio Método comunitário
Da sugestão	Método da sugestopedia

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CARACTERIZAÇÃO DOS MÉTODOS

3.1. O MÉTODO AUDIO-ORAL

O método audio-oral americano desenvolveu-se ao longo da Segunda Guerra Mundial, na sequência das necessidades das forças americanas formarem rapidamente falantes de outras línguas, para o que foi solicitado o contributo de linguistas como L. Bloomfield e tendo participado especialistas de linguística aplicada, como Lado, Fries, Brooks e Politzer, entre outros.

Este método foi fundado numa concepção da língua vista como um conjunto de hábitos e numa concepção da aprendizagem adquirida

por meio da criação de automatismos linguísticos. É o encontro da psicologia behaviorista com o estruturalismo linguístico, o que lhe confere uma forte coerência.

Aprender uma língua consiste em adquirir um conjunto de hábitos, sob a forma de automatismos, por meio da repetição, até produzir enunciados correctos, sem ser necessário pensar. Este é o princípio fundamental do behaviorismo, tanto na concepção geral de Watson, como na de Skinner, o mais influente na orientação metodológica audio-oral.

Sendo o behaviorismo uma concepção oposta às concepções mentalistas da psicologia introspectiva e subjectiva, todos os fenómenos psicológicos, no seu ponto de vista, e incluindo a língua, devem ser analisados em termos de comportamentos observáveis. O comportamento é assim entendido como uma resposta orgânica observável e mensurável aos estímulos do meio exterior e a psicologia científica limitou-se a analisar as relações estabelecidas pelas leis aplicadas à aprendizagem do comportamento (Skinner, 1957), através das experiências com animais (ratos, pombos ...) e partindo destas observações, estabeleceu as leis aplicadas à aprendizagem da linguagem, centrada no condicionamento operatório e no reforço. Numa situação estímulo-resposta produz-se uma resposta/reacção; se esta for reforçada (por uma recompensa ou por uma punição), a associação entre o estímulo e a própria resposta também é reforçada; a resposta será desencadeada cada vez que aparecer o estímulo. Para Skinner uma língua é um comportamento que pode ser adquirido através de um condicionamento operatório, semelhante ao condicionamento empregue no treino de animais, em que o reforço é o próprio motor da aprendizagem. Aprende-se por exercício, criando hábitos e automatismos (lei do hábito e erro), aprende-se quando um acto traz uma recompensa ou punição (lei do reforço), aprende-se à força de experimentar e se enganar (lei da tentativa e erro) e aprende-se quando as situações apresentam semelhança com a situação de aprendizagem, havendo a tendência a reproduzir e a transferir o que se aprendeu nesta situação (lei da analogia). A aprendizagem da linguagem é concebida, do mesmo modo, como uma cadeia de estímulo(s)-resposta(s); os estímulos propostos pelo meio, bem como o reforço e a resposta são baseados na imitação de modelos. De modo semelhante é também a aprendizagem de uma língua estrangeira.

Quanto à concepção da língua, o método audio-oral baseia-se na linguística estrutural, intimamente ligada à própria psicologia behaviorista.

A linguística estrutural pretende uma descrição do sistema da língua procurando encontrar os elementos e os princípios gerais designados como universais linguísticos. Abandonando os pressupostos históricos e psicológicos das épocas precedentes, a linguística encontra um exemplo de rigor nas ciências matemáticas, das quais toma os modelos e os conceitos. Bloomfield («Language», 1933) propõe uma concepção behaviorista da linguagem, assente no esquema «estímulo-resposta». Segundo ele, o linguista só deve estudar «os acontecimentos acessíveis no seu tempo e no seu lugar, a todos e quaisquer observadores», «os

acontecimentos situados nas coordenadas do tempo e do espaço», o que corresponde à necessidade de se construir um estudo da linguagem a partir de bases rigorosas. A análise linguística é considerada como um cálculo lógico que implica a descoberta das unidades de base da linguagem e da sua disposição formal, sem nenhuma referência à significação exterior da forma linguística. É preciso identificar os fonemas e os morfemas da linguagem, apenas como base na sua distribuição, observando o contexto linguístico em que eles aparecem, e encontrando num enunciado os constituintes imediatos (Kristeva (1969)). A linguística estrutural americana é essencialmente descritiva. Cada língua tem o seu sistema próprio em diferentes níveis (fonológico, morfológico e sintáctico), estando o nível semântico praticamente ausente, não ocupando a significação um lugar prioritário; é antes a forma linguística que ocupa o primeiro plano. A língua é, pois, entendida como um conjunto de quadros sintácticos adquiridos como um conjunto de hábitos/ automatismos que fazem com que as formas linguísticas apropriadas sejam utilizadas de forma espontânea, sem reflexão de qualquer espécie. Por isso a correcção da forma linguística para transmitir uma mensagem ao interlocutor é da maior importância.

De acordo com estes fundamentos teóricos, o trabalho de aprendizagem no método audio-oral vai consistir em repetições orais intensivas (para memorização das frases modelo) e na manipulação oral das estruturas (para automatização), através dos exercícios estruturais. A memorização e a automatização são os dois processos psicológicos fundamentais na aprendizagem da L2, e o laboratório de línguas torna-se o auxiliar privilegiado da repetição intensiva. Os exercícios estruturais aliados a uma progressão rigorosa, constituem o centro deste método. Centra-se mais na sintaxe da frase, do que na morfologia ou no léxico, sem dar explicação e sem pedir aos aprendentes uma análise reflexiva. Séries de exemplos praticados intensivamente induzirão as regras, de uma forma subconsciente (Besse (1992)). Os diálogos são elaborados em função da progressão escolhida: contém uma frase de «base», uma estrutura que servirá de modelo para produzir novas frases pelas operações de substituição (lexicais ou morfológicas), ou de transformação (pronominalização, por ex.), até à generalização da estrutura aprendida, não havendo descrição gramatical.

A finalidade do método é comunicar na L2, visando a compreensão oral e escrita, a expressão oral e escrita, mas dando prioridade ao oral, segundo a seguinte ordem: compreensão oral, expressão oral, compreensão escrita, expressão escrita.

O grande impacto e a grande influência deste método, têm a ver com a coerência do seu modelo:

- Uma teoria da aprendizagem fundada sobre leis, sobre a experimentação, a progressão calculada, o controlo das aquisições e a motivação;
- Uma teoria linguística que recusa o mentalismo, com uma aproximação e análise objectiva de materiais;

—Uma tecnologia adaptada a esta visão mecânica da aprendizagem, beneficiando das máquinas para ensinar, dos laboratórios de língua.

3.2. O MÉTODO AUDIOVISUAL (GLOBAL-ESTRUTURAL)

O método audiovisual (global-estrutural) nasce na Europa e retira a sua originalidade na fundamentação gestaltista (teoria psicológica da forma/gestalt). Nos anos 50, Petar Guberina, de Zagreb e Paul Rivenc, em França, definem os princípios da aplicação pedagógica deste método.

Quanto à concepção da aprendizagem este modelo relaciona-se com a teoria psicológica da forma que explica a apreensão como percepção global da forma, ou integração/reorganização num todo, dos diferentes elementos percebidos pelos sentidos e filtrados pelo cérebro. Os gestaltistas acusam os behavioristas de se interessarem pelas pequenas unidades do comportamento, fazendo-lhes perder de vista a forma do conjunto, o qual não se reduz à forma das unidades que o compõem. Esta percepção global dos objectos obedece às leis da semelhança, da proximidade, do fechamento e da continuidade. As leis da organização é que permitem esclarecer as ligações entre as diferentes partes de um conjunto e que intervêm entre o estímulo exterior e as reacções do sujeito. Esta perspectiva de aprendizagem supõe a coexistência simultânea e interacional de todos os factores verbais e não verbais, individuais e sociais (Bower (1981)).

Embora não haja uma relação de influência, o construtivismo também parece compatível com o método audiovisual, pelo menos com os princípios gerais, pois para a teoria genética da linguagem de Piaget, a aquisição da linguagem está ligada à construção da função simbólica sobre a base de uma coordenação geral das acções. Quanto à concepção da língua, o objectivo é a aprendizagem para comunicar, sobretudo verbal, na língua falada do dia a dia. O acento é posto na compreensão que deve preceder a produção (como no método audio-oral). São visadas as quatro capacidades, mas há prioridade do oral sobre o escrito. A língua é vista antes de tudo como um meio de expressão dos sentimentos e emoções, ausente dos outros métodos. Igualmente o não verbal é tomado em consideração (gestos, mímica...). No ensino/aprendizagem da língua enquanto meio de expressão e comunicação é preciso fazer apelo a todos os recursos do ser humano: atitudes, gestos, mímica, entoação e ritmo do diálogo falado. É uma linguística da palavra, nas condições de uso, na sua realização social, inspirando-se em Charles Bally (Germain (1993)).

Para a elaboração dos diálogos no método audiovisual, partiu-se de investigações estatísticas sobre a frequência relativa das palavras utilizadas oralmente pelos falantes da L2 nas suas trocas quotidianas («Francês Fundamental» no caso do francês), introduzindo as palavras e construções mais frequentes e as mais funcionais, por ex. *ser* e *ter*, antes de qualquer outro verbo, apesar de serem mais complexos morfologicamente.

O método caracteriza-se pela importância dada à língua falada (começando pela compreensão global do sentido), que é apresentada por meio de diálogos elaborados em função de uma progressão decidida antecipadamente. O aprendiz não exerce nenhum controle sobre o desenvolvimento ou o conteúdo do curso, tendo de se submeter às directivas do ensinante. O aprendiz deve escutar o diálogo (registado no magnetofone e acompanhado da projecção de filmes fixos), repetir (reprodução do diálogo imitando o mais fielmente possível o ritmo e a entoação), compreender, memorizar (reprodução do diálogo com os gestos: as atitudes e mímicas) e produzir novos enunciados, seguido de exercícios e actividades (Besse (1992))... A gramática é ensinada implicitamente, mas não apenas com exercícios estruturais, mas com um jogo repetido de estímulo-resposta, exercícios de reemprego, exploração e transposição (Besse (1985)), com vários tipos de exercícios: teatro, perguntas sobre as imagens, exercícios estruturais, conversação dirigida, transposição de uma narração em diálogo, diálogo ou narrativa interrompida, livre emprego (Germain (1993)).

3.3. A ABORDAGEM COMUNICATIVA

A abordagem comunicativa (método cognitivo (E.U.), funcional, nocional-funcional) centra-se fundamentalmente na natureza da língua, embora se possa estabelecer uma relação de coerência entre a psicologia cognitiva e a abordagem comunicativa.

Em síntese, a psicologia cognitiva de Piaget é um construtivismo, isto é, o desenvolvimento psicológico consiste na elaboração contínua de operações e estruturas novas, que não são pré-determinadas (não estando de acordo com o inatismo), mas construções que se efectuam ao longo desse desenvolvimento. O conhecimento procede da acção através de «assimilação» dos objectos a esquemas do sujeito. Enquanto os objectos são assimilados ou integrados nos esquemas do sujeito, ao mesmo tempo as estruturas acomodam-se às particularidades destes objectos. Deste processo resulta a existência de estádios que atestam uma construção contínua: um período sensorio-motor, anterior à linguagem, constituindo-se numa lógica das acções (relações de ordem, permanência do objecto, organização do espaço, causalidade), um período simbólico, o período das representações, mas ainda sem operações reversíveis: o nível das operações concretas (agrupamentos ligados à manipulação dos objectos); o período das operações formais como lógica proposicional hipotético-dedutiva. Estas construções tornam-se progressivamente necessárias, resultantes de auto-regulações e traduzidas numa equilibração das estruturas cognitivas. (Piaget/ /Chomsky (1978)).

Contudo é sobre a concepção da língua que a abordagem comunicativa se baseia. Chomsky põe em causa os dois pilares do ensino das línguas, a linguística estruturalista e o behaviorismo. O princípio fundamental de Chomsky, é de que a aprendizagem da língua não é uma simples imitação, mas a produção de enunciados novos. Aprender uma

língua consiste pois em aprender a formar regras que permitem produzir novos enunciados, em que o pensamento desempenha um papel fundamental na descoberta das regras de formação dos enunciados. Contudo, para Chomsky uma língua não é concebida como um instrumento de comunicação, mas como um meio de expressão do pensamento.

Ao mesmo tempo certos filósofos da linguagem centram as suas reflexões sobre a linguagem corrente, concebida como um instrumento de comunicação (Austin e Searle). A linguagem é encarada como um falar e uma actividade.

«Numa situação linguística típica, envolvendo um falante, um ouvinte e uma enunciação por parte do falante, há muitas espécies de actos associados por parte do falante, com a enunciação do falante. O falante terá movido o maxilar e a língua e feito ruídos de modo característico. Além disso terá realizado, de modo característico, alguns actos no âmbito da classe que inclui informar ou irritar ou maçar os seus ouvintes; (...); terá também realizado actos dentro da classe que inclui produzir afirmações, fazer perguntas, emitir ordens, informar, cumprimentar e advertir, (Searle, «O que é um acto linguístico?»). Para Searle os actos de linguagem ou actos de fala são essenciais a qualquer tipo de comunicação linguística que envolva um acto linguístico. É a produção do signo que constitui a unidade básica da comunicação linguística. Por isso, na sua perspectiva, é fundamental o levantamento de todos os tipos de actos linguísticos.

A influência de Hymes é fundamental, pela sua concepção pragmática da língua, que engloba as condições próprias ao uso da língua, pois não se trata simplesmente de adquirir a competência linguística em L2, mas também a competência comunicativa, isto é, as normas contextuais e situacionais que regem concretamente os empregos da L2, que lhe conferem as funções comunicativas.

Assim, na abordagem comunicativa, a língua é vista fundamentalmente como um instrumento de comunicação, de interacção social. Para comunicar, o conhecimento das regras, do vocabulário e das estruturas gramaticais é necessário, mas não suficiente. Para comunicar eficazmente em L2 é preciso conhecer as regras de emprego desta língua, quais as formas linguísticas a empregar numa situação, com uma determinada pessoa, com uma intenção de comunicação (persuadir, dar ordens, ...). A competência de comunicação engloba não só uma competência gramatical (o conhecimento dos elementos lexicais e das regras de morfologia, de sintaxe, de semântica de frase e de fonologia), mas também a competência sociolinguística (abrangendo as regras socioculturais e as regras do discurso) e ainda a competência estratégica (estratégias verbais e não verbais utilizadas para compensar as falhas de comunicação). Saber comunicar é saber produzir enunciados linguísticos conformes à intenção de comunicação (pedir autorização) e à situação de comunicação (estatuto e posição social do interlocutor). O sentido é visto como o produto de uma interacção social, uma organização entre dois interlocutores (Germain (1993)).

A abordagem comunicativa é uma perspectiva centrada no aprendente. Aceita a tradução em L1 e reabilita as explicações gramaticais, uma vez que a aprendizagem põe em jogo processos cognitivos, que o aprendente deve controlar. Procura-se apresentar uma L2 mais próxima da utilizada pelos falantes nativos, recorrendo a documentos autênticos, mensagens sonoras ou visuais dos «media», mas em que não há uma progressão léxico-gramatical. A escolha de documentos autênticos deve corresponder às necessidades de comunicação dos aprendentes (Besse (1992)).

As actividades privilegiadas não são os exercícios estruturais, ou os exercícios de simples representação, mas os jogos, as simulações, as resoluções de problemas, actividades pedagógicas susceptíveis de conduzir a uma verdadeira comunicação. O erro é visto como inevitável e o sinal do conhecimento provisório da língua, por parte do aprendente. Pelos erros o aprendente testa continuamente as hipóteses que ele faz sobre a própria língua.

3.4. O MÉTODO NATURAL

Foi em 1977 que Tracy Terrell expôs a sua concepção do ensino das línguas no artigo «A natural approach to the acquisition and learning of a language», em associação com Krashen, que desenvolvera uma concepção original sobre a aquisição de L2, resultando desta colaboração a obra «The Natural Approach», cujas partes teóricas foram redigidas por Krashen e as partes relacionadas com as aplicações pedagógicas por Terrell.

Para a aquisição de L2 o meio escolar deve reproduzir quanto possível o meio natural da aquisição da língua, evitando o ensino da gramática e a o recurso a L1, acentuando em primeiro lugar a compreensão significativa.

O método natural privilegia a significação ou o conteúdo das mensagens a transmitir. Os aprendentes devem ser expostos a uma meio linguístico rico e variado e a um nível linguístico que se situe ligeiramente acima do seu.

O objectivo fundamental é promover a compreensão e a comunicação, partindo do princípio de que uma língua não se aprende com grande número de exercícios de produção, mas através do que se entende e compreende. A compreensão precede necessariamente a produção e os objectivos específicos dependem das necessidades e dos interesses dos aprendentes.

Sendo a primazia dada à significação, é de grande importância o vocabulário, e a língua é concebida como um conjunto de palavras e enunciados significantes a ensinar e apresentando também as estruturas segundo a fórmula «1 + 1», mas sem necessidade de recorrer à análise ou às regras gramaticais. A função primordial de uma língua é a função de comunicação. O que é comunicado são as significações ou as mensagens. Por isso só há aquisição linguística na medida em que se compreendem.

Este método fundamenta-se prioritariamente sobre um modelo psicológico de aquisição.

A concepção de aprendizagem do método natural baseia-se na distinção entre aquisição e aprendizagem: a aquisição é vista como um processo implícito, inconsciente, centrado no sentido, enquanto a aprendizagem é vista como um processo explícito consciente, centrado sob a forma linguística ou sobre a gramática. Estes processos na sua concepção serão independentes, não havendo passagem de um processo ao outro.

A concepção de aprendizagem/aquisição assenta na hipótese do monitor. O modelo do monitor destina-se a explicar e a prever o modo de aquisição de L2 pelos adultos.

Segundo o modelo do monitor, a aquisição de uma L2 é análoga à aquisição de L1 por parte da criança, de modo natural, sendo a aquisição um processo inconsciente, sem consciência das estruturas adquiridas, feito por etapas sucessivas. Há uma ordem natural de aquisição das estruturas gramaticais, sendo considerado o erro como um processo inevitável do desenvolvimento natural. Todo o adulto dispõe de um «monitor» que corrige ou modifica a forma dos enunciados quando são emitidos. É preciso em primeiro lugar compreender um sentido novo e só depois é adquirida uma nova estrutura. Existe uma espécie de «filtro afectivo» (motivação, confiança em si e ausência de ansiedades) que se interpõe entre o mecanismo da aquisição e os dados semânticos expostos ao aprendente.

O aprendente, primeiro, tem que escutar o que lhe é apresentado oralmente, sem se sentir obrigado a falar. Pode responder fisicamente às ordens dadas e indicar os objectos.

Nas primeiras produções o aprendente é levado a responder a questões, utilizando palavras simples e expressões curtas, completar quadros e mais tarde actividades (simulações) que lhe permitam exprimir a sua opinião e participar na resolução de problemas.

O erro é considerado como uma etapa necessária no desenvolvimento de uma língua, (Germain (1993)).

4. QUADRO COMPARATIVO

	Audio-oral	Audiovisual	Comunicativo	Natural
Objectivos	Criar automatismos para uma competência oral.	Língua de comunicação falada fundamental. de comunicação.	Não competência linguística, mas competência das capacidades comunicativas	Compreensão significativa e comunicação. Desenvolvimento de base, oral e escrita.
Material	Livros, magnetofones, laboratório de línguas.	Livros, meios audiovisuais: filme fixo, quadro de feltro, magnetofone.	Livros, documentos autênticos, meios audiovisuais.	Emprego de imagens e material visual. Material autêntico – rádio, televisão, mensagens publicitárias.
Conteúdo nacional	Ling. oral privilegiada. Frases modelo.	Língua fundamental.	Em função das necessidades. Escrito autêntico.	Em função das necessidades e interesses dos aprendentes.
Metodologia	Escutar, compreender, imitar, falar, <i>sketch</i> dialogado sem tradução.	Exercícios, jogo, laboratório, canção, reemprego, transposição. Sem tradução e sem metalinguagem.	Exercícios autónomos. Memorização parcial. Progressão não linguística possível.	Actividades que favoreçam a compreensão oral e escrita. Criar um bom clima na sala de aula.

5. CONCLUSÃO

Apesar da metodologia das línguas nos anos recentes ter procurado uma fundamentação linguística ou psicológica que lhe garantisse um estatuto científico, a evolução das perspectivas metodológicas evidencia o seu carácter provisório, e até os pressupostos teóricos em que pretendia assentar a «era científica» da didáctica são postos em causa. Para Denis Girard, a didáctica das línguas não deve estar enfeudada a uma teoria linguística particular: «a aprendizagem e o ensino das línguas são actividades originais que podem ser esclarecidas por certos aspectos da pesquisa científica em certos domínios, mas que em última análise são independentes quer da linguística, quer da psicologia».

A didáctica deve concentrar-se no conjunto de acontecimentos que se produzem quando um aluno aprende uma língua com a ajuda do professor.

6. BIBLIOGRAFIA

- Austin, J. L. (1962), *How to do things with words*, Oxford University Press.
- Besse, Henri (1992), *Méthodes et pratiques des manuels de langues*, Crédif-Didier, Paris.
- Besse, Henri e Porquier, R. (1984), *Grammaire et Didactiques des Langues*, Hatier-Crédif.
- Bower, Gordon e Hilgard, Ernest (1981), *Theories of Learning*, Prentice-Hall, Inc. Englewoodcliffs.
- Casteleiro, João Malaca, Américo Meira e José Pascoal (1988), *Nível Limiar*, Conselho da Europa, ICALP, Ministério da Educação, Lisboa.
- Galisson, R. (1980), *D'hier à aujourd'hui la Didactique générale des langues étrangères, du structuralisme au fonctionnalisme*, CLE International, Paris.
- Gaonach, Daniel (Coord.) (1990), *Acquisition et utilisation d'une langue étrangère, L'approche cognitive*, Hachette, Paris.
- Germain, Claude (1993), *Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*, CLE International, Paris.
- Kristeva, Julia (1969), *Le Langage cet inconnu*, (trad. port.: *História da Linguagem*, Edições 70).
- Piaget, J. e Chomsky, N. (1978), *Theories du Langage. Theories de l'Apprentissage*, Editions du Seuil (trad. port.: *Teorias da Linguagem/Teorias da Aprendizagem*, Edições 70, Porto, 1987).
- Puren, Christian (1988), *Histoire des Methodologies de l'enseignement des langues*, CLE International, Paris.
- Searle, J. R., «O que é um acto linguístico», in *Linguagem e Acção* (1989), organização e introdução de José Pinto de Lima, a páginas tantas, Lisboa.
- Searle, J. R. (1969), *Speech Acts*, Cambridge University Press (trad. port.: *Actos de fala*, Livraria Almedina, Coimbra (1981)).